

O que responde o psicanalista diante da “criança generalizada”?

Maria Helena Martinho

“A criança é o pai do homem” já dizia o grande poeta romântico inglês William Wordsworth (1770-1850), em seu texto *My heart leaps up*, publicado em 1802¹.

“My heart leaps up when I behold
A rainbow in the sky:
So was it when my life began;
So is it now I am a man;
So be it when I shall grow old,
Or let me die!
The Child is father of the Man;
And I could wish my days to be
Bound each to each by natural piety” (Wordsworth, 1802).

Meu coração salta quando contemplo
Um arco-íris no céu:
Assim foi quando a minha vida começou;
Assim é agora que sou um homem;
Assim seja quando eu envelhecer,
Ou deixe-me morrer!
A criança é o pai do homem;
E eu poderia desejar os meus dias para ser
Limite cada um para cada um por piedade natural (Wordsworth, 1802).

Mais de um século depois, em 1913, em um texto intitulado “O interesse pela psicanálise”, Freud afirma de forma contundente que a psicanálise levou a sério o aforismo de Wordsworth:

“Não é qualquer análise de fenômenos psicológicos que merecerá o nome de psicanálise [...] A psicanálise teve que derivar a vida psíquica do adulto da vida psíquica da criança, tomando a sério o aforismo ‘A criança é pai do homem’ [...] Toda orientação posterior de um homem possui as impressões de sua infância, em particular de sua primeira infância [...] As formações psíquicas infantis nada sucumbem no adulto [...] O que no material psíquico em um ser humano permaneceu infantil, recalcado como inviável, constitui o núcleo do inconsciente” (Freud, 1913, p. 185).

¹ <http://www.poets.org/viewmedia.php/prmMID/16084#sthash.IGIHLvTn.dpuf>. Acesso em 13/10/2013

Freud introduziu a sexualidade do falante como infantil, identificou o gozo na infância dos adultos que analisava e sustentou que esses adultos permaneceram no gozo infantil. A sexualidade é infantil não porque ocorra na infância, como período temporal do desenvolvimento, mas porque sua estrutura é infantil.

Em *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960), Lacan chama atenção para o fato de que “no início do século XIX – época em que Wordsworth publicou seu poema – com a revolução industrial, na Inglaterra, o romantismo inglês apresenta-se com seus traços particulares que constituem o valor dado às recordações de infância, ao mundo da infância, aos ideais e aos votos da criança, com os quais os poetas da época constituem a raiz, não apenas da inspiração, mas da exploração de seus temas principais” (p. 36).

Neste mesmo seminário, Lacan critica os psicanalistas pós-freudianos, apontando “uma contradição no uso” (p. 37) que estes fizeram do aforismo de Wordsworth – *A criança é pai do homem*: “a referência à infância, a ideia da criança que há no homem, a ideia de que algo exige do homem ser outra coisa além de uma criança, e que, no entanto, as exigências da criança fazem sempre sentir dentro dele, tudo isso é, na ordem da psicologia, perfeitamente situável historicamente” (ibidem, p. 37).

Em meados do século XX, um escritor francês – André Malraux (1901-1976) – enuncia outro aforismo relativo à criança: “Não há gente grande”. Em seu livro intitulado *Antimemórias* (1967), em conversa com o capelão de Glières, o protagonista indaga:

“- Há quanto tempo confessa?
 - Uns quinze anos.
 - Quem lhe ensinou a confissão sobre os homens?
 - Sabe, a confissão não ensina nada, porque desde que se confessa, é-se outro, há Graça. No entanto... Primeiro, as pessoas são muito mais infelizes do que se pensa... e depois...a essência de tudo é que **não há gente grande...**
 [...] Concordo com o capelão de Glières – mas se ele preferia que não houvesse gente grande, é que as crianças estão salvas...” (Malraux, 1967, p. 6).

No mesmo ano em que o livro de Malraux – *Antimemórias* – foi publicado, 1967, Lacan o tomou como referência no discurso de encerramento das Jornadas sobre as psicoses infantis e comentou o famoso aforismo: “Não há gente grande”:

“Certas antimemórias ocupam hoje o noticiário [...] o autor as abre com a confidência, de estranha ressonância, com que dele se despediu um religioso: ‘Acabei acreditando, veja só, neste declínio de minha vida’, disse-lhe ele,

‘que não existe gente grande’. Eis o que assinala a entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação (Lacan, 1967, p. 367).

Os homens estão enveredando por uma época que chamamos planetária, na qual se informarão por algo que surge da destruição de uma antiga ordem social, que eu simbolizaria pelo Império, tal como sua sombra perfilou-se por muito tempo numa grande civilização, para ser substituída por algo bem diverso e que de modo algum tem o mesmo sentido – os imperialismos, cuja questão é a seguinte: como fazer para que as massas humanas fadadas ao mesmo espaço, não apenas geográfico, mas também, ocasionalmente, familiar, se mantenham separadas? [...] Como responderemos, nós os psicanalistas a segregação trazida à ordem do dia por uma subversão sem precedentes? (ibidem, pp. 360-361) [...] Haveremos de destacar pelo termo criança generalizada a consequência disso?” (ibidem, p. 367).

A expressão cunhada por Lacan – *criança generalizada* – denuncia não somente “a entrada de um mundo inteiro no caminho da segregação” (Lacan, 1967, p. 370), como também o reducionismo da psicanálise a uma psicologia do desenvolvimento.

O que responde o analista diante da criança generalizada? Aos analistas que reduziram a psicanálise de criança a uma psicologia evolutiva, adaptativa, ortopédica, transformando a criança em um objeto adaptado, treinado, alvo de práticas segregacionistas, Lacan responde a partir de bases éticas, levando a diante o legado de Freud, sustentando assim, o discurso do analista.

Quer se dirija a uma criança ou a uma pessoa grande, a psicanálise acolhe a fala de um sujeito, de alguém que não se encaixa em nenhum quadro de saber universal, pois existe um infantil no psiquismo que é irreduzível a qualquer dimensão cronológica, evolutiva, desenvolvimentista. Se há algo que separe a criança do adulto, certamente não é a idade, nem o desenvolvimento, mas uma posição ética de cada um em relação ao seu modo de gozo. Por que “Freud sentiu que era seu dever reintroduzir nossa medida na ética através do gozo?” (ibidem, p. 370).

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Abril cultural, 1984.

MALRAUX, André (1965). *Animemórias*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

FREUD, S. (1913). *El interés por el psicoanálisis*. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005. v. 13.

LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

_____. (1967). “Alocução sobre as psicoses da criança”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

<http://www.poets.org/viewmedia.php/prmMID/16084#sthash.IGIHLvTn.dpuf>. Acesso em 13/10/2013